

CENTRO CULTURAL UFMG

---

# GUAI- CURUS

# #3

---

BELO HORIZONTE | 2014



**GUAL-  
CURUS**

**#3**





# NESTA EDIÇÃO

**6 PENSANDO A ARTE**

**7 ESTADOS DE ALTERAÇÃO: O USO DE “DROGAS”**

**8** Pautar a vida em extensão: um rápido diálogo com Eduardo Viana Vargas

**10** Estados de alteração: depoimento - plantas de poder

**12** Estados de alteração: depoimentos

**17 25 ANOS DO CENTRO CULTURAL UFMG**

**18** A história pela memória

**20** Furtar, inviabilizar e impedir a arte

**23** Restauração

**27 DOBRA GUAICURUS**

# PENSANDO A ARTE

A droga separa a planta de seu espírito. Para curar esta verdadeira doença de nossa civilização, precisamos voltar a contar histórias para nossas crianças.

Educá-las para a saúde do corpo/ espírito.

Como uma civilização que abomina o mito – a fantasia, o sonho, o ócio – em nome de uma razão, que é a do capital, poderá curar suas mazelas? Os tiros que matam nossos filhos?

As substâncias psicoativas deveriam ser usadas como sinal de saúde e não de doença.

A rua Guaicurus, o centrão de BH, é um antro de baixo comércio e consumo de drogas ilícitas. Faz parte de nosso programa, Muitas Culturas no Centro, pensar a arte em todos os seus envoltórios.

Um deles é com a viagem, o deslocamento do xamã, a forma que se transforma.

Maria Inês de Almeida  
Diretora CCULT UFMG

## Centro Cultural UFMG

**Direção:** Maria Inês de Almeida e Marcus Queiroz Ferreira

## Guaicurus #3

**Edição e redação:** Allysson Gudu, Augusto Vossenaar, Branca Peixoto, Fábio de Oliveira Martins, Laila Silva, Luiza França, Marina França, Marlon Fabian

**Projeto gráfico:** Fábio de Oliveira Martins

**Diagramação:** Augusto Vossenaar

**Revisão:** Laila Silva

**Capa:** Cláudia Andujar, A Vulnerabilidade do Ser.

ESTADOS DE ALTERAÇÃO: O USO DE “DROGAS”:  
Cláudia andujar, A Vulnerabilidade do Ser.

25 ANOS DO CCULT UFMG e DOBRA GUAICURUS:  
Acervo do Centro Cultural UFMG

**Fotografia da página 13:** “Morte em vida” Nilmar Lage - Ipatinga 2011

**Fotografias das páginas 19, 25 e 26:** acervo do Centro Cultural UFMG

**Fotografias do índice e da página 21:** Mostra *Questão de Espaço*, Galpão Guaicurus - 1998

**Ilustração da página 15:** desenho de Livia Amorim

**Ilustrações:** Augusto Vossenaar. Desenhos retirados do artigo: Taxonomia atualizada de Amanoa (Phyllanthaceae) no Brasil. Ricardo de Souza SECCO, Jefferson de Melo CAMPOS, Alice de Lima HIURA

**Impressão:** Imprensa Universitária UFMG / 2014





**ESTADOS DE  
ALTERAÇÃO:  
O USO DE  
“DROGAS”**

# PAUTAR A VIDA NA EXTENSÃO

## UM RÁPIDO DIÁLOGO COM EDUARDO VIANA VARGAS<sup>1</sup>

POR FÁBIO DE OLIVEIRA MARTINS

ACERCA DOS LUGARES ONDE ESTEVE A PROPÓSITO DE SUA VIDA ACADÊMICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS, O QUE HOJE LHE SUGEREM OS NOMES SÃO THOMÉ DAS LETRAS, JUIZ DE FORA, CAMPINAS, RIO DE JANEIRO E BELO HORIZONTE?

Esses são lugares por onde eu passei e que têm alguma conexão com a minha formação de antropólogo. Em alguns desses lugares eu estudei, como na UNICAMP, ou no Rio de Janeiro. Em outros lugares, como as cidades de São Thomé das Letras e Juiz de Fora, por exemplo, foi onde eu realizei pesquisas de campo, em diferentes momentos da minha trajetória, sendo que em Juiz de Fora, além de realizar pesquisas de campo, eu fui também professor da UFJF durante quatro anos.

UMA ANÁLISE DO CONSUMO DE MISTURAS/ SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS BEM PODERIA SER REALIZADA EM QUALQUER ÁREA DE UM CURSO SUPERIOR. PORÉM, VOCÊ ESCOLHEU – E FOI ACOLHIDO – PELAS CIÊNCIAS SOCIAIS. QUE QUESTÕES, FERRAMENTAS E RESOLUÇÕES ESSA ESCOLHA LHE PROPORCIONOU?

A temática das drogas é, por definição, uma temática que envolve diferentes disciplinas. Não há nenhum especialista que possa dar conta disso sozinho, absolutamente. Há toda uma discussão que passa pela Química, outras que passam pela Psicologia, outras de caráter econômico e temos, também, assuntos ligados ao campo das Ciências

Sociais, de maneira geral, e outros à Antropologia, que é com o que eu trabalho. As exigências de uma pesquisa antropológica não são as mesmas de uma pesquisa psicológica ou de uma pesquisa química. Cada área possui os seus próprios protocolos, seus próprios desafios. Um desses desafios que a pesquisa antropológica coloca de logo é o desafio de tentar compreender a fundo como que determinadas práticas – por exemplo, o uso de drogas – são constituídas, construídas e equacionadas, do ponto de vista dos próprios nativos: no caso das minhas pesquisas, em particular, falo em usuários de drogas.

Então, boa parte do desafio é conseguir compreender quem são essas pessoas, que tipo de prática, de fato, elas realizam; o que essas praticas significam para essas pessoas; como essas praticas dessas pessoas estão, ou não, articuladas com outras práticas que elas também realizam.

AMIÚDE CERTAS ERVAS, SUCOS, EXTRATOS E FÁRMACOS – DESVIADOS DE SUA FUNÇÃO MÉDICA OU ALIMENTAR – SÃO INCLUÍDOS NA ARDILOSA DUPLICIDADE DA “ILICITUDE OU IMORALIDADE”. PARA ALÉM DE CONSIDERAR COMO ENDÊMICA, CRIMINOSA OU IMORAL A DIFUSÃO DE CERTAS MISTURAS PSICOATIVAS, PODEMOS CONSIDERAR “DROGAR-SE” UMA NOÇÃO DE CARGA ETNOCÊNTRICA? EM OUTRAS PALAVRAS: “DROGA” É SOMENTE A DOS “OUTROS”?

Como eu trabalho na minha tese<sup>2</sup>, “droga” é um conceito extremamente complexo. Se fizermos uma história social dessa categoria, é possível perceber que o sentido que nós emprestamos a esse termo é bastante diferente dos sentidos que já foram a ele emprestados. Nunca é demais lembrar que os nosso fármacos também são comprados em estabelecimentos a que chamamos drogarias e há muito tempo se sabe, do ponto de vista farmacológico, que “droga” é qualquer coisa que produz alguma alteração no



seu modo de funcionamento orgânico, ou coisa que o valha. O que nos tem acionado – desde que se decretou uma “guerra às drogas”, ou algo do gênero – é uma partilha moral entre as drogas ditas ilícitas e lícitas.

E assim “droga” recebeu essa acepção extremamente negativa, mais reservada às ilícitas, enquanto é reservado o nome de “medicamento” ou de “remédios” para as drogas lícitas. Lícitas não somente entendidas no sentido estrito do termo – como algo que a lei permite, ou não –, mas também que a própria definição legal pressupõe outras disposições que estão em outras áreas do saber – fundamentalmente no campo da medicina. Assim, o que eu tento demonstrar, em vários lugares, é que essa divisão entre o lícito e o ilícito não é óbvia, mas, sim, está ligada a uma série de disposições sociais muito complexas, marcadas pelo que chamei de diferentes critérios de avaliação da vida: fundamentalmente, aquelas substâncias que, do ponto de vista médico, são entendidas como substâncias que possibilitem às pessoas viverem mais tempo – ou o que tenho chamado de pautar a vida em extensão –, em geral, são bem vindas e aparecem como remédios – que devem ser usados enquanto possibilitam esse tipo de extensão.

Se essas mesmas substâncias são “desviadas desse uso” e utilizadas de outra maneira, que colocam em risco a equação da vida em extensão, ou no caso de se valer de outras substâncias que não são consideradas remédios e que produzem aquilo que tenho chamado de intensidade<sup>3</sup> – ao invés da extensão –, essas têm sido, no mundo ocidental, há já algum tempo, objeto de criminalização. Essa criminalização não é absoluta, muito antes pelo contrário. Esses são paradoxos que nós temos, pois há várias substâncias que são legais e as quais usamos e abusamos, a despeito de todas as dificuldades e problemas com elas envolvidos, dos quais os casos óbvios e notórios

são o tabaco e o álcool. Mas, por outro lado, temos uma história de criminalização de práticas que preveem o uso de substâncias por hora consideradas como remédios, mas que podem também ser utilizadas, em outros contextos, para fins não medicamentosos. Isso tem a ver com essa guerra às drogas que o mundo ocidental decretou há algum tempo e o lado positivo disso é mostrar que estamos trabalhando com questões científicas, mas essa é uma guerra extremamente danosa e provocou uma das piores desgraças que esse mundo já teve. Há muita corrupção e muito dinheiro perdido e isto se liga a um tipo de política que hoje, tem ficado cada vez mais claro, não se sustenta mais. É um grande desafio pensar novas práticas relativas ao mencionado paradoxo, mas esse desafio já tem sido encarado de maneira instigante por diversos países do mundo. O caso de maior notoriedade recente contém a iniciativa do Uruguai de repensar, globalmente, a maneira através da qual eles lidam com esse problema. O que está mais do que claro é que essa guerra contra as drogas fracassou redondamente em todos os sentidos: tem-se produzido mais malefícios do que benefícios, no fim das contas. Estamos em hora de acabar com essa guerra.

1 Para ter acesso ao currículo acadêmico de Eduardo Viana Vargas, consultar sua página na plataforma lattes: <http://lattes.cnpq.br/1084045235555351>

2 Consultar VARGAS, Eduardo Viana. Entre a extensão e a intensidade: corporalidade, subjetivação e uso de drogas. Tese de doutorado. Belo Horizonte, banco de teses de dissertações – UFMG, 2001.

3 Para saber mais acerca do êxtase no uso de drogas, consultar VARGAS, Eduardo Viana. Uso de Drogas: a Alter-Ação como Evento. In: Revista de Antropologia, vol. 49, nº 2. São Paulo, 2006. P. 581-623.

# ESTADOS DE ALTERAÇÃO:

## PLANTAS DE PODER

### DEPOIMENTO

**H**á mais ou menos cinco anos conheci as plantas de poder ou medicinas indígenas como a Ayahuasca, o Rapé, o Tabaco e a Sananga. Desde então, venho fazendo uso delas em diversas ocasiões do cotidiano e em diversos trabalhos xamânicos, cujo objetivo principal é ter uma expansão da consciência. Hoje em dia, tenho uma concepção bem diferente e bem mais consciente do que quando comecei a fazer o uso dessas plantas. No início foi uma busca apenas por curiosidade, para saber quais seriam os efeitos e se realmente era verdade que essas plantas poderiam trazer um conhecimento interno ou até mesmo uma cura para as pessoas. Hoje, tenho certeza, dentro da minha realidade, que essas plantas realmente têm o poder de transformar e de curar o ser humano, desde que usadas com consciência e com um propósito.

### A AYAHUASCA

Bebida produzida a partir do cozimento de duas plantas nativas da Amazônia, o cipó, chamado Jagube, e a folha, chamada Chacrona. Para mim, tem como objetivo a busca de autoconhecimento, o contato com o divino e uma integração muito intensa com a natureza. Geralmente, faço o uso dessa medicina em trabalhos xamânicos. Durante essas cerimônias, ouvimos e cantamos músicas e rezas de invocação, limpeza e cura, advindas de várias tradições indígenas – tanto as brasileiras quanto as andinas e as norte-americanas, a fim de promover esse contato com o “Eu interior”.

### O RAPÉ

É constituído de tabaco pilado e cinzas de árvores consideradas sagradas como o Pau Pereira, Cumaru e Canela de Velho. De todas as medicinas que já usei, considero-o como o mais forte e o mais intenso. Seu objetivo é gerar uma maior clareza de propósito, cura física e alinhamento espiritual. Existem duas formas de se aplicar o Rapé: a auto-aplicação através de um instrumento chamado “curipi” ou a aplicação feita por meio do sopro de uma pessoa capacitada, utilizando um instrumento chamado “tepi”. Para os Pajés, ao aplicarmos ou recebermos qualquer tipo de sopro é necessário termos firmeza de propósito e mente vazia, para que assim projetemos no sopro ou recebamos somente “benedições”. É um processo muito bonito e muito individual, porque ele provoca uma expansão de consciência instantânea, possibilitando assim, respostas para as perguntas que buscamos ao fazer o uso dessa medicina. Geralmente, o Rapé é a primeira planta de poder que utilizamos nos trabalhos xamânicos, pois ele prepara o nosso corpo para recebermos as outras medicinas que existem nesses trabalhos.



## A SANANGA

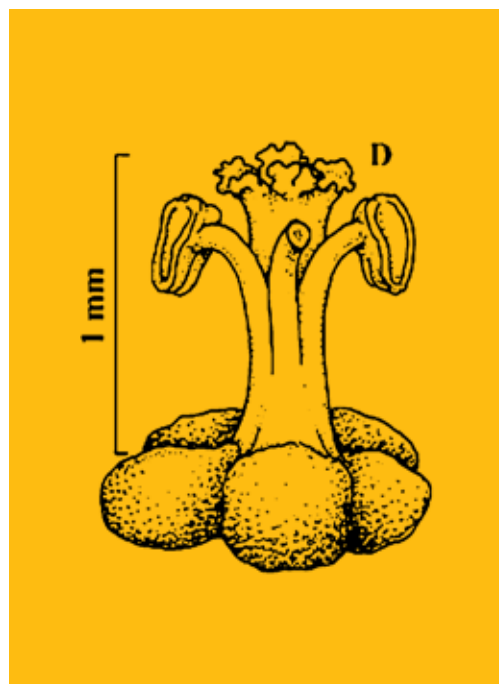
O colírio indígena, descoberto pelos índios Kaxinawás, é o sumo extraído das raízes de uma planta amazônica, cujo nome indígena é “Mana Heîns”. Ele é um colírio utilizado para a limpeza da visão, tanto física, quanto espiritual. Sua aplicação pode ser muito incômoda, causa um ardor muito intenso, que dura no máximo 3 minutos. Porém, quando esse efeito inicial passa e conseguimos abrir os olhos, percebemos o mundo mais colorido e vivo, e focalizamos as imagens com muito mais precisão e nitidez. Conseguimos, também, abrir o “terceiro olho” a fim de enxergarmos com os olhos da alma. É um processo maravilhoso! Além disso, a Sananga é utilizada no tratamento de rinite, sinusite, dor de cabeça e problemas oculares. É um ritual bem simples, onde a pessoa que irá receber o colírio fica deitada e outra pessoa aplica de uma a três gotas em cada olho e faz-se uma reza, pedindo sempre a cura física e espiritual e a limpeza dos olhos.

## O TABACO

Geralmente, é orgânico e cultivado pelo povo da própria tribo, que faz rezas em todas as suas fases: no plantio, no cultivo, na colheita e no preparo. É uma planta de poder muito sagrada. Utilizando essa planta fazemos um ritual chamado de “Cerimônia da Chanupa” ou “Cachimbo Sagrado”. É uma cerimônia em roda de cura sagrada ancestral considerada uma das medicinas de oração

mais poderosas que existe. A Chanupa é composta de duas partes sendo uma o forninho, que representa o feminino, e a haste em madeira, que representa o masculino. Temos assim, dois objetos sagrados que, ao serem unidos no momento de rezar, tornam-se um só ser, honrando as forças de toda a criação. O que me encanta nesse ritual é o saber falar e o saber ouvir de cada pessoa. É o respeito que conseguimos ter por cada indivíduo que está presente.

Lorena Babêtto





# ESTADOS DE ALTERAÇÃO:

## DEPOIMENTOS

■ Bom, comecei a fazer o uso de maconha por volta dos 15 pra 16 anos, experimentei outros tipos de drogas durante algum tempo como cocaína, LSD, bebidas alcoólicas, crack... Bem, mas o que eu ainda continuo a utilizar mesmo é o álcool e a maconha. A maconha é o que realmente me faz sentir melhor perante o mundo caótico e acelerado ao qual hoje vivemos. E hoje com uma certa maturidade, 32 anos de idade, me vejo como um militante, ao invés de um mero usuário, ao tirar um momento do dia para fumar meu baseado, um momento comigo mesmo entende? Seja ao amanhecer ou no final da tarde, é o meu momento do dia, em que volto para mim mesmo, quando me sinto em sintonia com o universo. Já o álcool fica em segundo plano, não faço tanta questão. Mas, quando saio para me divertir, a cerveja é o que eu geralmente consumo. Já não tenho mais atração por outros tipos de substâncias além da maconha.

O grande problema com a maconha é sua criminalização, sua marginalização, taxando todos usuários como criminosos. Os entorpecentes, desde as épocas antigas, já eram utilizados por povos de diversas regiões do Brasil (culturas indígenas) e, em sua maioria, os momentos de transe individual ou coletivo geralmente são para marcar atividades dentro da tribo. E como te disse, a “cervejinha vem como diversão. Já a maconha me faz sentir em ligação com algo mais de estado de espírito, um lance bem espiritual. Toda relação com a natureza de forma harmônica é muito bem vinda a qualquer ser vivo. E a natureza, em sua diversidade, oferece inúmeras vertentes, o uso de plantas psicoativas é um desses meios de ligação.

O uso de ervas é um costume, uma

tradição milenar entre povos originários de diversas partes do mundo. O contato com povos europeus (na América Latina) tornou estes costumes marginalizados, forçando costumes ancestrais a se transformarem em coisas para descartar.

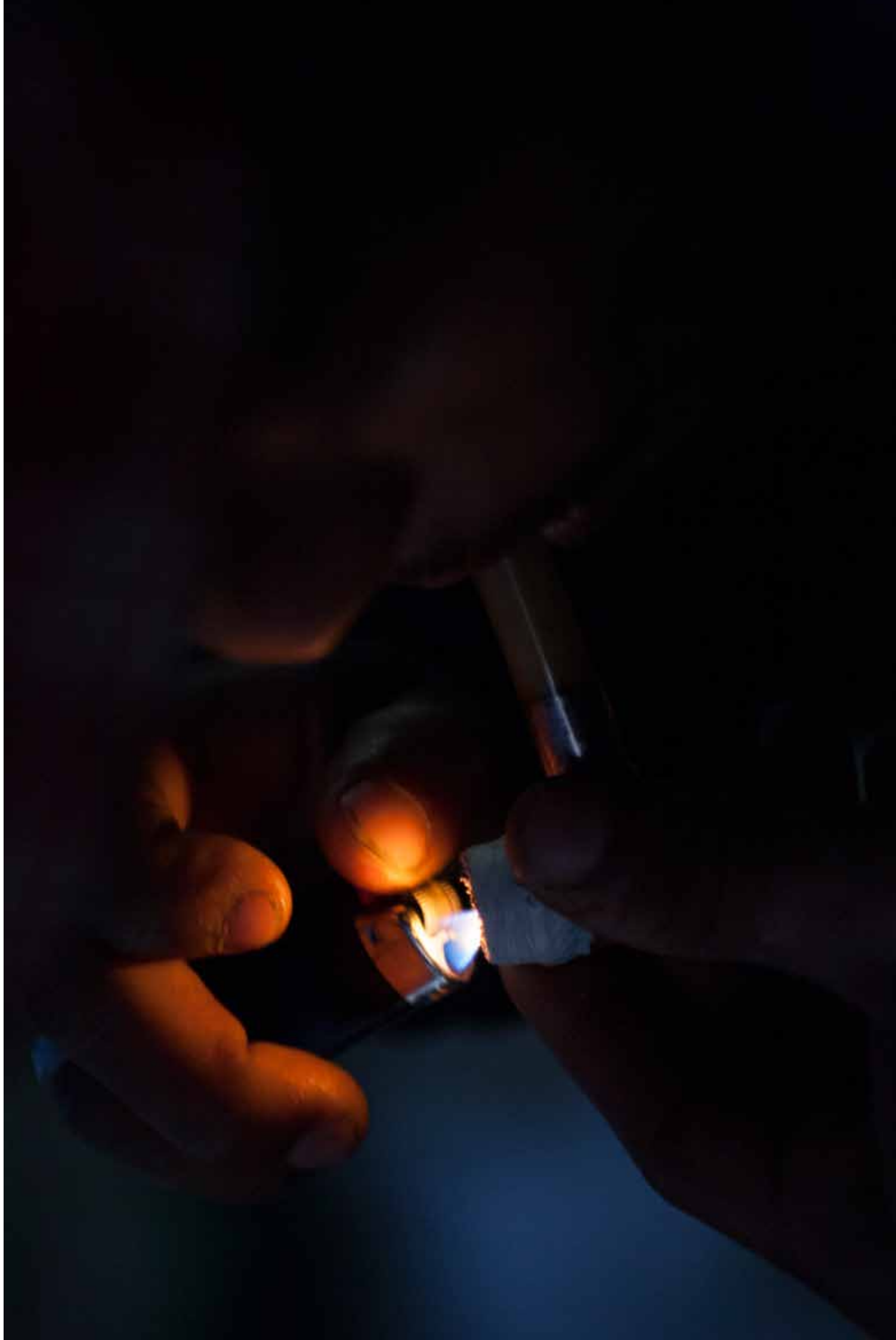
(S.D.C.F. Estudante do Curso de Museologia da UFMG)

■ Já fiz o uso do santo daime, ayahuasca... O daime foi uma viagem muito boa, tive uma viagem para dentro de mim, tive uma conversa muito séria comigo mesma. Revi toda a minha vida, me veio coisas muito fortes, me deu um esclarecimento muito grande. Mas para você tomar o daime tem que ter uma preparação espiritual antes. Usei argyreia também, ela te faz entrar no estado pleno de amor. Sabe quando você fica na dúvida se perguntando o que é o amor? A argyreia te esclarece tudo e mostra o quão pequeno nós somos diante do universo. Ela te dá uma energia muito forte e tem uma certa limpeza da alma. Ela é muito parecida com o daime, na minha experiência.

Faço uso da maconha regularmente, sou a favor da legalização. Ela traz muitos benefícios, me acalma e me faz conectar os pensamentos. Foi um processo de epifania para eu usar essas drogas. Elas nos ajudam a sair do que chamamos de realidade e a nos colocar em outras perspectivas e outros mundos.

Já usei LSD, pó e uso cafeína todos os dias. Não me considero dependente, porque acho que consigo viver sem elas. Mas não tenho vontade de parar, escolho os momentos certos para usar. A maconha, por mais que seja ilegal, é de muito fácil acesso, tinha amigos que usavam e tive curiosidade de experimentar.

(M.S., 21 anos, estudante do curso de Psicologia e do Teatro Universitário da UFMG)



■ Uso drogas desde os 15 anos de idade. Além de usar maconha eu já bebia muito nessa época. Então, como eu bebia muito, eu parti pra cocaína, porque ela me permitia beber e ficar bom à noite inteira. Da cocaína, eu um dia experimentei “baque”, que é pico na veia. Foi a pior experiência que tive com drogas. Você entra numa depressão maldita, o efeito é muito rápido e você não consegue melhorar. Também experimentei ecstasy, eu queria pular de uma perna pra outra, muito cômico a história. Tomei bala. É bacana o efeito, mas é muito caro o negócio e demora a surgir o efeito. Chá de cogumelo, também é muito louco. Já o chá de fita-cassete é cruel, é punk, você acorda no outro dia e não sabe nem onde você estava. O santo daime também é muito doido, você vê índio, vê uns negócios muito estranho. Fumei também “freebase”, que é a maconha com crack, e é muito louco porque a maconha te dá um efeito legal e o crack te deixa acelerado. Então ao mesmo tempo em que você fica com ódio da pessoa, você fica com dó dela, quer conversar. Já fiz muita cagada por causa da droga. Um apartamento eu praticamente usei com drogas, putas, jogos e rock’n’roll total. Era viciado em jogos, jogava playstation e quem perdesse pagava 5 gramas de pó.

O crack, experimentei assim que chegou em São Paulo. A cocaína demora o efeito, o crack não, o efeito é muito forte e muito rápido. A primeira vez que usei, eu era apaixonado com uma menina e ela me falou que fumava pedra aí eu pedi para experimentar. Experimentei e gostei da brincadeira e já estou à 28 anos nisso. Trabalho, não roubo e tenho que fumar pelo menos duas pedras por dia, se não, não consigo dormir.

O que acho a pior droga é o álcool. O álcool deixa o cara maldito, sem noção de nada. Eu sou um cara que quando uso drogas fico calmo, mas quando tomo pinga enfrento qualquer coisa. Hoje eu não tenho preocupação de morrer, já curti minha vida adoidado, já tive grana e já gastei tudo, não passei vontade de nada. Come-

cei a usar drogas por curiosidade, não me arrependo, se você me perguntasse se voltaria no tempo... Eu não teria usado “baque”. A droga é uma coisa escapatória, você usa porque quer fugir dos seus fantasmas, mas eles continuam lá. Eu sei o que faço, cada um tem seus princípios e sua reação com o uso da droga. Já tive três overdoses. Droga é só fuga.

(Paulista, 42 anos, garçom.)



■ Eu uso maconha, cocaína e cigarro. Já usei argyreia, ácido, bala, chá de cogumelo... Comecei com 15 anos, com maconha e com benzina. No começo, usava pouco. Comecei porque me oferecerem e tive curiosidade de experimentar e saber como era. Com a maconha sinto uma sensação corpórea e o efeito na mente, uma sensação de prazer. Benzina não é uma droga que gosto, dá um zumbido na cabeça, uma leveza e um formigamento no corpo.

O LSD você fica feliz, dá um frio na nuca, dá uma sensação corpórea tipo parecido com a maconha. A cocaína você não sente tanto, vai só para a mente. Você fica mais agitado, animado, acordado, o pensamento flui mais rápido. Mas a mesma droga faz um efeito diferente em cada pessoa que usa. A cocaína me deixa mais



inspirado para fazer as coisas, como pintar, sair, fazer alguma atividade. O cogumelo parece com a onda do ácido, mas são drogas mais fortes e é difícil dosar a quantidade que você está usando, as chances de surtar são maiores. Tenho medo de me lesar muito, então evito.

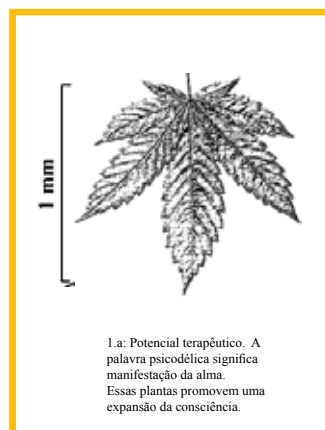
A cocaína é muito viciante e é uma droga cara. Não sei te dizer direito, mas acredito que traga mais malefícios, se não, não seria droga, não seria proibido. O benefício é o seu próprio prazer, se sentir bem para expandir o seu raciocínio e as sensações do corpo também. Mas a bebida é uma droga legal e é uma das que mais prejudica. Já sai da realidade algumas vezes com droga, é difícil voltar depois, fico com pensamento fixo em alguma coisa, acabo tendo depressão e outras coisas. Consegui parar algumas vezes, mas gostaria de controlar mais a frequência de uso. Sempre usei para chapar, nunca usei com um cunho religioso. Gosto de usar para pintar e produzir, fico mais inspirado e mais solto. Não é uma regra, mas sempre gostei, principalmente quando acabo de pintar um quadro.

**(J.M.N., 31 anos, artista plástico)**

■ Tomei meu primeiro LSD com 16 anos, mas o álcool eu já bebia escondido. Depois que tomei o LSD, mudou muito minha forma de ver as coisas. Então comecei a selecionar mais as drogas que eu iria utilizar, que achava que me traria algum benefício psicológico. Eu chamo as psicodélicas mais de remédios do que de droga. Na década de 60 já existia muitas pesquisas mostrando o potencial terapêutico dessas substâncias. Então na década de 50/60 elas foram muito utilizadas por psicólogos, psiquiatras para reduzir ansiedade, depressão, transtorno obsessivo compulsivo, uma série de doenças. Quando os jovens começaram a utilizar nas ruas o governo americano decidiu proibir porque es-

tava virando uma coisa muito descontrolada, e não foi pelo risco que essas substâncias têm. É um risco muito pequeno de utilização, comparada com o cigarro e o álcool que são legalizadas. Agora, na década de 90, voltaram essas pesquisas sobre o potencial terapêutico dos psicodélicos. E é isso que me interessa, mais do que o uso recreativo, um uso para promover conhecimento, bem estar, para aumentar a qualidade de vida.

Com 17 anos fui tomar ayahuasca pela primeira vez numa igreja do santo daime, inclusive foi minha mãe que me levou. Eu pesquisava tanto que passei segurança pra ela de que não era uma coisa maléfica, então ela me apoiou e tudo. Foi uma experiência extremamente rica pra mim. Depois disso, eu comecei a beber menos, a fumar menos, comecei a me interessar mais por espiritualidade. A partir de então, eu venho me dedicando ao desenvolvimento espiritual, mas depois eu fui conhecendo outras como o chá de cogumelo, o DMT puro, que é o principio ativo do chá de ayahuasca, que quando fumado puro ele produz efeitos muito diferente do ayahuasca que são incríveis também. Tive uma experiência com ele que foi um divisor de águas, tive uma experiência de quase morte, e minha sensação subjetiva era de que eu tinha morrido mesmo. Comecei a dar valor para muitas coisas na minha vida que antes passava despercebidas na correria do dia-a-dia.





A partir da primeira experiência com ayahuasca, comecei a atentar mais para o meu corpo, alimentos que ingeria. O tanto que tenho que cuidar do meu corpo, que é o que me mantém vivo. Está saindo a primeira pesquisa com LSD em 40 anos, e eles descobriram que o LSD reduz a ansiedade. É incrível o potencial disto pra psicologia, para a psiquiatria. Já tive uma onda horrível com LSD, mas aprendi muito com isso, não é uma coisa que não pode ser controlada, se você escolhe o ambiente e as pessoas que estão com você. Dependendo de onde você usa, os efeitos vão ser direcionados. O cogumelo para mim é maravilhoso, ele traz muitas coisas legais. Eu gosto mais das drogas que entram no grupo das psicodélicas. A palavra psicodélica significa manifestação da alma. Essas plantas promovem uma expansão da consciência. Então, quando expande a nossa consciência a gente se abre para outras coisas ou que seria mais difícil da gente se abrir ou que a gente nunca se abriria. Eu sou um grande entusiasta dos psicodélicos neste sentido. Nossa sociedade é alcoólatra e o álcool não expande a consciência. Nesse nível, eu vejo a crise que nós vivemos no mundo, como as questões das drogas que são muito utilizadas legalmente. Penso que se as pessoas utilizassem mais os psicodélicos, claro, de forma responsável, essa expansão da consciência em massa geraria frutos

a ponto da terra se desenvolver mais sustentavelmente. É muito comum as pessoas se ligarem a assuntos ecológicos depois de usar essas substâncias. Alguma pessoa toma ayahuasca uma vez e passa a reparar mais a natureza, a degradação. Acho interessante pensar até em nível global. Conheço várias pessoas que utilizam as psicodélicas, não com todo potencial, mas com a intenção de ficarem “doidas”. É isso que eu tento trazer para as palestras que dou, e com as pessoas que eu converso, não tem problema utilizar recreativamente em uma festa, mas é importante saber que existe todo este potencial. Que você pode utilizar em um contexto mais tranquilo e se beneficiar demais psicologicamente, espiritualmente e, depois, se refletir até fisicamente, com uma consciência corporal ampliada. Eu sempre falo: pesquise o máximo possível sobre a substância que você quer utilizar. Quanto mais informações você tem, mais segurança você vai ter. A internet está lotada de coisas sobre isso. Essa é uma dica que dou sem fazer apologia, mas por uma redução de danos.

(A.F., 24 anos, estudante de Psicologia da UFMG)



**25 ANOS  
DO CCULT  
UFMG**



# A HISTÓRIA PELA MEMÓRIA

POR LAILA SILVA

## ■ DA CRIAÇÃO DO CENTRO CULTURAL UFMG:

A ideia da criação do Centro Cultural não foi minha, já havia vários projetos, várias ideias, mas eram apenas ideias, não havia nada de concreto. Um dia, eu tive a notícia de que o prédio estava desocupado, e havia a hipótese de criar um museu de engenharia. Então, nós negociamos, fizemos um entendimento, um acordo com a diretoria da Escola de Engenharia e eles aceitaram a ideia de criar o Centro Cultural. Era o que faltava na UFMG, não existia um local específico para a cultura, já tinha o conservatório da Escola de Música, mas cultural, de uma maneira mais ampla e ligando as artes plásticas, não existia. Então o diretor da Escola de Engenharia da época, combinando com a Congregação, aceitou a ideia e transferiu o Museu da Engenharia para um outro prédio. Então, nós pudemos obter a área, obter assim, já era da UFMG, mas obter com essa ideia de Centro Cultural, e começamos a fazer uma reforma.”

**Prof. Cid Veloso (Reitor que inaugurou o Centro Cultural UFMG em 22 de abril de 1989)**

## ■ DO SEU TRAJETO:

“Foi uma jornada desbravadora, tipo bandeirantes...” conta Celma Alvim, segunda diretora do CCult, ao lembrar-se das dificuldades encontradas no começo do que acabara de se tornar o Centro Cultural UFMG.

A ampla precariedade em que se depararam, a falta de materiais básicos como escada, martelo, tesoura, furadeira, era a realidade daquela “estreia”. João Baptista Magro Filho, o então diretor, costumava pegar emprestado alguns desses materiais na loja do seu pai que ficava no centro

da cidade e, dessa maneira, com um tanto de boa vontade e um bocado de suor, o CCult começou a nascer.

Com uma “inauguração atípica” e sem gastos, conseguiram o empréstimo de um avião para espalhar poesia, enquanto cortava o céu da Praça da Estação, o resto da festa ficou por conta de teatro e balões, muitos balões...

Enquanto o dinheiro era raro por essas bandas, o que restava era a cooperação, a disposição, a doação. Poltronas e holofotes chegaram primeiro e, pouco a pouco, tudo foi tomando forma.

Já nas primeiras exposições, a casa se encontrava lotada e cheia de entusiasmo.

Com o tempo, foram elaborando, idealizando e enfim concebendo projetos e histórias...

**O Ateliê de Arte Livre**, onde algumas salas ficavam disponíveis para o talento de jovens artistas.

**O Espaço Leitura**, onde fulanos, beltranos e sicranos podiam entrar, aconchegar-se e ler o Estado de Minas, a Folha de São Paulo e as outras “fofo-cas” da época.

**O Espaço de Teatro**

**Os cursos populares de dança de salão**

E mais um tantão de boas ideias que aproximaram a UFMG, a cultura e o povo.

Quanto ao trabalho que isso tudo deu?! “Foi muito prazeroso”, afirma Celma Alvim

O tempo foi passando, e muitas pessoas foram, igualmente, transitando por aqui...

Passou João Baptista, Celma Alvim, Neiva Ferreira, Beatriz Dantas, Regina Helena, Rita Gusmão, Sônia Queiroz, Maria Inês...

Passou teatro, pintura, música, dança, poesia...

Passaram diversos alunos, que por aqui ficaram um tempo, aprendendo e desenvolvendo um algo mais. Eram as residências artísticas, que surgiam para fortalecer, compartilhar e fomentar a produção de conhecimento em Artes.

Mas o tempo também trouxe as coisas que ficaram (pelo menos por enquanto, enquanto for o tempo delas...)

**O Circuito Praça da Estação**, que tem por objetivo promover visitas guiadas a todo o Complexo Arquitetônico e Cultural da Praça da Estação e aos espaços internos do Centro Cultural



## “FORTALECER, COMPARTILHAR E FOMENTAR A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM ARTES”.

**O Museu Vivo Memória Gráfica**, que desenvolve práticas e tradições que constituem o universo das artes do livro: tipografia, caligrafia, gravura, edição, ilustração, design e encadernação.

**O Música & Poesia**, que numa parceria com a Faculdade de Letras, promove encontros de artistas, apresentações musicais, recitais, contação de histórias, performances, peças teatrais, toda iniciativa, enfim, que de alguma forma se relacione às artes verbais e performáticas.

**O Cinecentro**, que oferece ao público uma alternativa de lazer e conhecimento gratuitos, através de filmes de ficção, documentários e de animação; de curta ou longa metragem.

**O Oficina para todos**, que recebe, analisa e desenvolve propostas dos diversos grupos, comunidades e indivíduos interessados no ensino e na transmissão das artes.

**O Minas Dança Gerais**, que é desenvolvido pelo Grupo Congá com o objetivo de contribuir para o resgate de saberes colhidos ao longo de anos de pesquisa sobre as danças tradicionais.

**O Telecentro**, que promove a inclusão social e o

letramento digital, disponibilizando ao público em geral jornais e revistas de circulação regional e nacional, além de oferecer acesso gratuito à internet.

**O Cena Aberta**, que propõe abrigar a demanda de projetos de pesquisa e experimentação artística voltados para as áreas de dança, performance e teatro.

**O Memória feita à mão**, que reúne ações de preservação e divulgação da memória do Grupo Galpão através do seu acervo de figurinos e adereços.

**O projeto MIRA – Artes Visuais dos Povos Indígenas**, que agora começa a circular nos países de origem de seus artistas.

**O Música de Invenção Experimental e Improvisada**, que é um espetáculo mensal de música experimental inventiva, um espaço para a improvisação de música contemporânea.

Coisas que passaram, coisas que ficaram, coisas que ainda vão surgir... É assim que o Centro Cultural UFMG festeja seus 25 anos, cheio de boas lembranças e com grandes expectativas.

# Furtar, inviabilizar e impedir a arte.

## A experiência do Galpão Guaicurus como espaço de compartilhamento.

Conversa com o professor Marcos Hill da Escola de Belas Artes da UFMG acerca da memória das Artes Visuais no CCult UFMG.

por Augusto Vossenaar

### **EXPERIÊNCIA DO GALPÃO GUAICURUS ATRAVÉS DO PAD (PROGRAMA DE APRIMORAMENTO DISCENTE)**

O Galpão Guaicurus sempre pertenceu à Escola de Engenharia. Foi ao longo da década de 1990, o período em que eu ocupei intensamente o Galpão Guaicurus. Havia uma relação muito interessante e amigável, de acordo entre a direção do Centro Cultural e da Escola de Engenharia. Sempre que o Centro Cultural necessitava ocupar o Galpão bastava apenas uma solicitação e imediatamente as portas do Galpão se abriam. Eu entrei na universidade em 1994, e em 1995 eu era o coordenador do programa PAD (Programa de Aprimoramento Discente), que era um programa promovido pela Pró-Reitoria de Graduação. Durante aproximadamente 8 ou 9 anos, eu fui coordenador desse programa e, a partir principalmente de 1996, passei a utilizar com frequência o Galpão Guaicurus. Em 1997, o Galpão Guaicurus passou a ser a sede física do PAD. Ao longo de todo ano letivo e sempre no final de cada ano, principalmente a partir de 1998, o PAD – Artes Visuais fechava os seus trabalhos com uma exposição. Então, foram mais de cinco exposições realizadas, sempre, evidentemente, com uma reciclagem, com uma renovação dos bolsistas, que eram sempre selecionados através de edital público, com possibilidade de prolongamento da bolsa por mais um ano.

O PAD foi realmente para a Belas Artes um projeto muito interessante. Era uma proposta da Pró-Reitoria de Graduação de preparar jovens alunos de graduação para a pós-graduação. Aqueles que tinham o interesse em dar continuidade à pesquisa eram os principais candidatos, os candidatos mais visados pelo PAD. E nesses quase 10 anos

de coordenação, foi possível fazer muita coisa interessante. Tanto o Centro Cultural quanto, principalmente, o Galpão Guaicurus, foram de fundamental importância nessa metodologia de pesquisa em arte que visava, sobretudo, a experimentação.

### **BARGANHA IMOBILIÁRIA VERSUS ESPAÇOS COLABORATIVOS OU 'A DANÇA DAS CADEIRAS'**

Eu percebo que a ideologia neoliberal na medida em que ela foi se consolidando, na medida em que as instituições brasileiras foram assimilando essa ideologia, essa dimensão da colaboração foi sendo corroída. Fazendo uma retrospectiva e analisando o que aconteceu nos anos de 1990, e tudo o que passa a acontecer a partir dos anos 2000, nós temos uma marca radical para venda do Galpão Guaicurus para o Tribunal de Contas do Trabalho.

Então, só esse fato que furta, que impede, que inviabiliza a utilização do galpão, já é um sintoma que poderia servir como uma prova constatatória disto que eu estou falando. Um processo constante e contínuo de assimilação e incorporação de uma ideologia neoliberal que acaba chegando à Universidade Federal e que leva o reitor da UFMG a simplesmente dispor de praticamente um quarteirão inteiro de um espaço que, se fosse investido, poderia, inclusive, ser referência não só para o Brasil, mas para a América Latina. Um espaço multiuso de produção de cultura. O espaço era realmente muito privilegiado. Eu acompanhei de perto os passos iniciais desse processo, vendo com muito pesar, e lembro perfeitamente que na época em que a professora Sônia Queiroz era a diretora do Centro Cultural, um acordo foi feito entre a UFMG e o Tribunal de Contas do Trabalho, onde havia sido reservada uma parte do Galpão, e isso foi, inclusive, prefigurado em planta baixa, eu vi essa planta baixa, que certamente não teria a mesma extensão e a mesma qualidade que o galpão inteiro, mas que resgatava ou que resguardava um espaço muito interessante.

Então, no lugar de uma colaboração constante, de um fluxo muito interessante que era estabelecido entre o Centro Cultural UFMG e a Escola de Engenharia, veio uma política especulativa imobiliária que, inclusive, mexeu uns pauzinhos jurídicos para desfazer um combinado. Então, quando você fala de colaboração, o que eu vejo, em toda essa dimensão que reafirma o coletivo, o que eu



vejo é uma dissolução, uma degradação dessa dimensão ética muito fortemente imposta pela assimilação intelectual do neoliberalismo e pela assimilação que a Universidade Federal de Minas Gerais fez do neoliberalismo.

Nós enquanto parte integrante desse corpo acadêmico da Universidade Federal de Minas Gerais perdemos definitivamente um espaço que seria muito, muito valioso, precioso para consolidação da própria universidade e para consolidação da vida cultural da cidade. Através de uma barganha imobiliária onde o Centro Cultural foi completamente desconsiderado.

### **ESPAÇOS PARA COLABORAÇÃO. O ARTISTA COMO PROPOSITOR**

Dentro desse universo extremamente hostil, colaborar, sobretudo no campo da arte e da cultura, é fundamental, e rever aquela ideia de que definitivamente a união faz a força passa a ser uma estratégia de urgência para a sobrevivência daquilo que a gente não quer que morra, de uma memória afetiva, de uma memória sensível diretamente ligada ao fazer artístico, diretamente ligada à cultura.

Quando você agrega, quando você coletiviza, quando você reúne, você toca numa questão que é muito cara ao neoliberalismo que é a quantidade. É claro que de onde eu falo, de onde eu reconheço, considero o artista como propositor, o corpo qualitativo tem que estar priorizado em detrimento do quantitativo. Mas quando você congrega um interesse de pessoas em torno de proposições, quando você tem a capacidade de organizar situações de reunião, quando as proposições fluem, o resultado secundário, que passa a ser um elemento de negociação com o Neoliberalismo, é

a quantidade. Porque, indiretamente, se cria um grupo e esse grupo se potencializa. Ele é capaz de atrair, captar um número maior de pessoas e o número, a quantificação, interessa ao neoliberalismo. Então, eu acho que é um elemento muito forte, muito potente que qualquer iniciativa de artistas, no sentido da cooperação, pode utilizar, ao sentar na mesa de negociação com as empresas, com as instituições em geral.

### **ESCAVANDO O FUTURO**

Então, nesses 25 anos do Centro Cultural, no meu entender, eu que me envolvi muito, boa parte da minha vida acadêmica foi vivida nesse espaço, eu acho que o que a gente pode celebrar é a sobrevivência. Apesar de tudo, o Centro Cultural ainda existe. É o que eu, pessoalmente, gostaria de celebrar nesses 25 anos. Apesar de todos os contratempos, apesar de toda a má vontade, apesar de toda a omissão, apesar de toda a desvalorização e não reconhecimento, apesar de tudo isso, o Centro Cultural ainda existe.

Então quando você me pergunta sobre os próximos 25 anos, eu não tenho a menor possibilidade de fazer nenhuma previsão. Eu acho que nos próximos 25 anos, a UFMG ou o próprio Centro Cultural vão andar de acordo com o que a política brasileira determinar. O que não impede que, nos próximos 25 anos, o Centro Cultural seja fechado, seja demolido e que se construa no mesmo local um condomínio com quadras de tênis – que é o que está acontecendo na cidade inteira. Por que não?





# RESTAURAÇÃO : ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

POR BRANCA PEIXOTO E LUIZA FRANÇA

O Centro Cultural UFMG está completando 25 anos de apoio e difusão das artes, mas a história da sua sede, o edifício Alcindo da Silva Vieira, vem de muito antes. Quando Belo Horizonte ainda começava sua urbanização, o edifício, tendo sido o primeiro construído na região do hipercentro, nasceu como um sinal de prosperidade e boas-vindas para os visitantes que vinham da estação rodoviária. Originalmente planejado para operar como hotel e antes de se tornar um espaço de cultura, o local passou por diversas funcionalidades. Foi quartel da Brigada Policial, posto da Junta Comercial e órgãos do Ministério da Guerra, Escola de Engenharia e finalmente propriedade da Universidade Federal de Minas Gerais. Ao longo de todas estas mudanças, diversas reformas foram realizadas e o velho edifício Alcindo da Silva Vieira sofreu desgastes naturais. Sua revitalização se tornou uma necessidade para que continuasse a desempenhar seu papel histórico e sobrevivesse para o desfrute das próximas gerações. Foi pensando nisso que, desde 2011, o Centro Cultural UFMG passou por um longo e delicado processo de restauração e reformas. No projeto de restauro se envolveram a construtora Restaurare, o Departamento de Manutenção e Operação da Infraestrutura da UFMG (DEMAI/

SIM), e o Departamento de Projetos da UFMG (DP/SIM), que acompanhou semanalmente as mudanças para esclarecer dúvidas e tomar decisões arquitetônicas. O processo todo, iniciado muito antes das obras, levou bem mais de um ano para se desenrolar, em meio a prazos e burocracias inerentes a qualquer obra pública. Os responsáveis se preocupavam com um ponto vital: o tombamento existente em duas instâncias, estadual e municipal. De acordo com arquiteta Alethéa Lessa Moreira, o maior desafio foi atender todas as normas presentes na legislação e ainda conseguir realizar uma intervenção eficiente. Isso porque uma restauração não é uma simples reforma, uma manutenção. “É a ação de intervir, tendo respeito à história do objeto e autenticidade. Devemos entender o que é original ou não, realizando pesquisas para isto e fazendo uma análise crítica e criativa”, explica Marina Laguardia Nascimento Vieira, também arquiteta. “Você não pode pegar uma antiga janela de pinho de Riga, de qualidade ruim, e substituir por uma ótima de eucalipto”. Assim foi definido o plano de ação dos restauradores: pensar no valor de cada detalhe para a edificação e para Belo Horizonte, e avaliar o que deve ou não ser substituído.

## AO LONGO DAS OBRAS, OS ARQUITETOS REGISTRARAM A EXISTÊNCIA DE ELEMENTOS DE VÁRIAS ÉPOCAS:

- Foram descobertas esquadrias que já foram portas e hoje são janelas. “Quando fomos raspando a janela e descobrindo como ela era, a madeira mesmo, visualizamos a porta cortada. Procurando nas fotos antigas, vimos uma ‘janela’ com uma sombra embaixo que poderia mesmo ser uma porta. Como o prédio antes era um hotel, poderia muito bem ser tudo porta desde o início. Conversando com a Cristina percebemos que fazer um acabamento e transformar em janela seria cortar o rastro da história. Depois ninguém poderia questionar e acreditar que foi uma porta um dia”

- “Em algumas janelas havia diversas pinturas e elementos embutidos. Detectamos diversas mudanças na esquadria. Com a recuperação, percebemos que aconteceram enxertos e modificações nelas, não eram todas da mesma tipologia. No final, nós contabilizamos seis tipos de esquadrias! Acabamos elegendo como padrão a que, pela comparação entre o tipo de madeira e detalhes, e os registros fotográficos, parecia mais característica do período original. As esquadrias originais do CCult, na área onde hoje funciona o museu de tipografia, tem vários detalhezinhos, inclusive um de peito de pombo nos marcos. Claro que isso pode ser apenas a intervenção posterior de alguém que adorava inserir detalhes! Não temos como saber.”



## O RESTAURO

Como afirmam os arquitetos do DP/SIM, trabalhar com patrimônio é estar sempre discutindo uma avaliação crítica. “É um verdadeiro trabalho de investigação em conjunto, dos vários agentes participantes. Muitas vezes chegamos a um ponto no qual não conseguiremos respostas diretas, mas a partir de critérios que vão sendo eleitos, a nossa intervenção vai se realizando”, afirma o arquiteto Rafael Vilela Silveira. Inúmeros documentos antigos foram analisados para definir as estratégias e os padrões estéticos a serem seguidos. E foi justamente pensando nesta importância documental que todo o processo foi registrado, incluindo justificativas para que o próximo restaurador entenda as escolhas feitas. Neste sentido, houve até mesmo o cuidado de marcar todas as esquadrias em baixo relevo com o ano de 2013. Assim, as próximas gerações saberão exatamente o que é autêntico e o que foi intervenção deste período. Além do cuidado com os detalhes, outra prioridade foi definida durante as obras. O resultado deveria contar uma história. A passagem do tempo deveria ser percebida e sentida pelos novos frequentadores. “Existem várias linhas de restauração, vários entendimentos do que seria um processo de restauração. A nossa preocupação era nunca deixar que a nossa intervenção camuflasse alguma intervenção anterior, ou se parecesse demais com a de antes, pois ela precisa caracterizar uma época”, defende Marina. Com isso a arquiteta explica a proposta de buscar não só as características originais, mas também as

- Desde o início houve uma preocupação com a cor da tinta na fachada. Após uma retirada total, oito ou nove camadas em cores diversas foram reveladas. Apesar de estar cadastrado que a primeira tonalidade foi verde, os arquitetos optaram pela cor que mais se encaixava com o conjunto atual da edificação. Assim, ficou definido o tom terracota. Para essa pintura, foi utilizada uma tinta à base de silicone, nunca antes trabalhada pela equipe de restauração. “É uma tecnologia para bens tombados que a gente pesquisou aqui no CECOR (Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFMG), na Escola de Belas Artes. Eu nem sei se tem no Brasil algum edifício pintado com essa tinta. Ela permite a transpiração da parede. O vapor consegue sair, mas sem trazer a água de chuva para dentro, e isso protege o CCult do ambiente em que ele está inserido: muita poluição, chuva e sol”.

de cada intervenção já feita e as do século XXI. Para chegar a esta concepção, os profissionais destacam o papel da arquiteta Cristina Trivellato, do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA). “Um exemplo disso foi o caso de uma janela do CCult. Ela tinha pinha de Riga (característica da construção original), mas metade da estrutura havia sido mexida, dava para ver que a tipologia da janela foi alterada em uma intervenção posterior. Comparando por fotos confirmamos que não era a original, mas antes que fizéssemos um acabamento, a Cristina questionou: ‘Por que vocês querem voltar com a janela de 1910, ao invés de deixá-la desse jeito que está aí? Ela está atuante com a mesma função.’ Então percebemos que não ser original não significa não ter valor histórico”, conclui Alethéa.

## PRESERVAÇÃO E MUDANÇA DE USO

“Antes se fazia o acesso ao segundo andar por escada. Hoje já estamos pensando em outro tipo de acesso”. Com um volume maior de visitantes, devido ao uso como espaço expositivo, a escada pode ter sua vida útil reduzida. O CCult possui muitas estruturas antigas, de madeira original, e por isso é preciso pensar em formas de preservação. Como lembra Rafael, não adianta dar acesso total a um piso maravilhoso no hall de entrada e daqui a dez anos não ter mais piso para contar a história. Assim, os arquitetos já estão pensando em novas estratégias a serem adotadas no futuro, como restringir o segundo andar apenas para o setor administrativo e criar soluções audiovisuais de acessibilidade para os deficientes, ao invés de investir em elevadores e rampas talvez não comportáveis ao prédio.

Outra preocupação é o melhoramento do espaço enquanto centro de cultura, inserido no centro da cidade. “Apesar da localização, você vai colocar grade em todas as janelas por estar fazendo a exposição de um quadro muito caro? A iluminação externa (que, por todas as implicações envolvidas, não foi instalada até hoje) não pode envolver a quebra do edifício, mas também não pode ficar aparente e ofuscar o pedestre. Como resolver?” Estas e outras questões estão sendo planejadas para respeitar cada aspecto da edificação e do contexto de uma cidade. Em breve, a partir de um projeto que já está sendo desenhado, será iniciada uma reforma do pátio, com a instalação de um café e uma lojinha para comercializar os produtos do Museu vivo da Memória Gráfica, as Edições do Museu, com espaço de lazer, música e leitura.

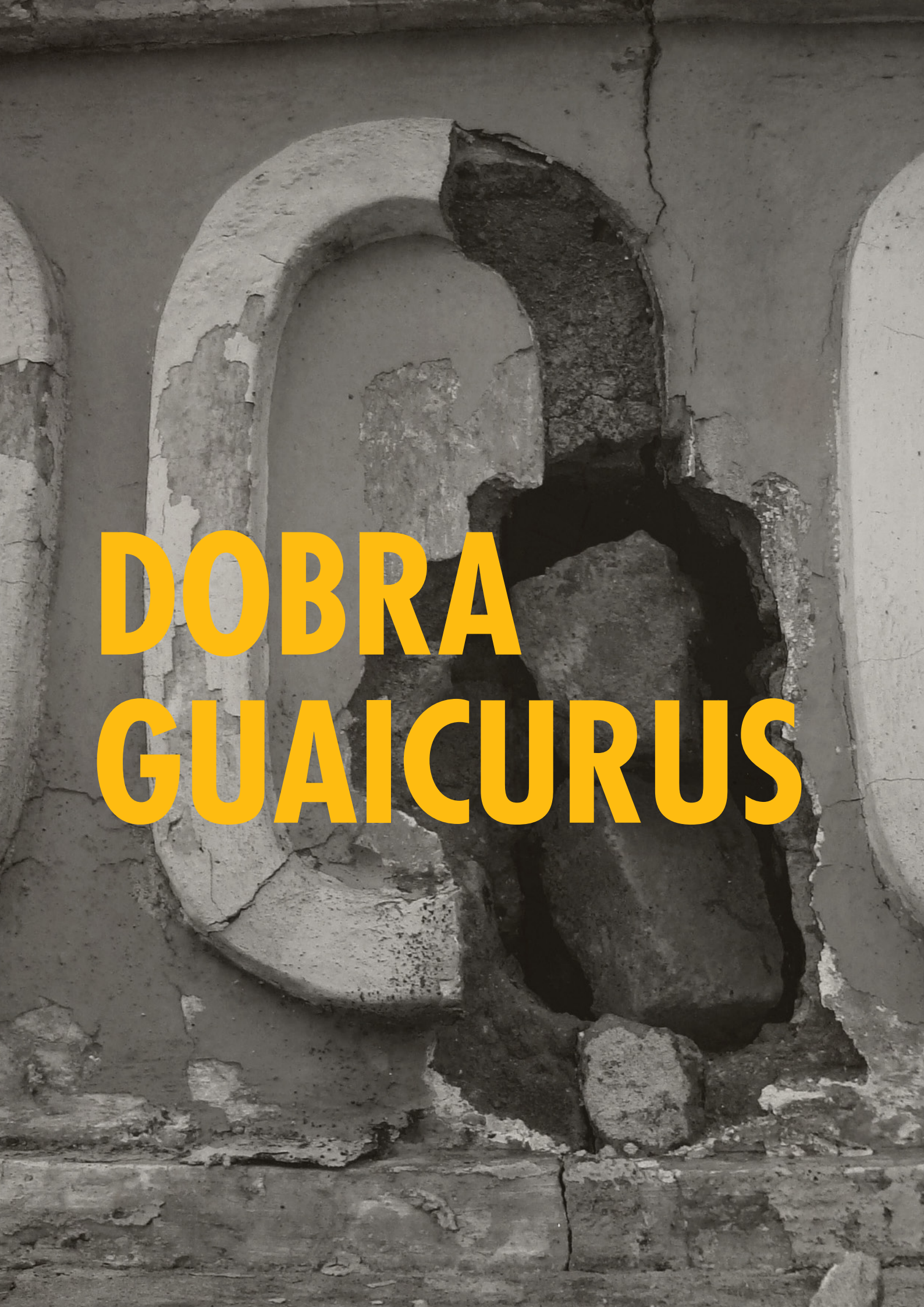










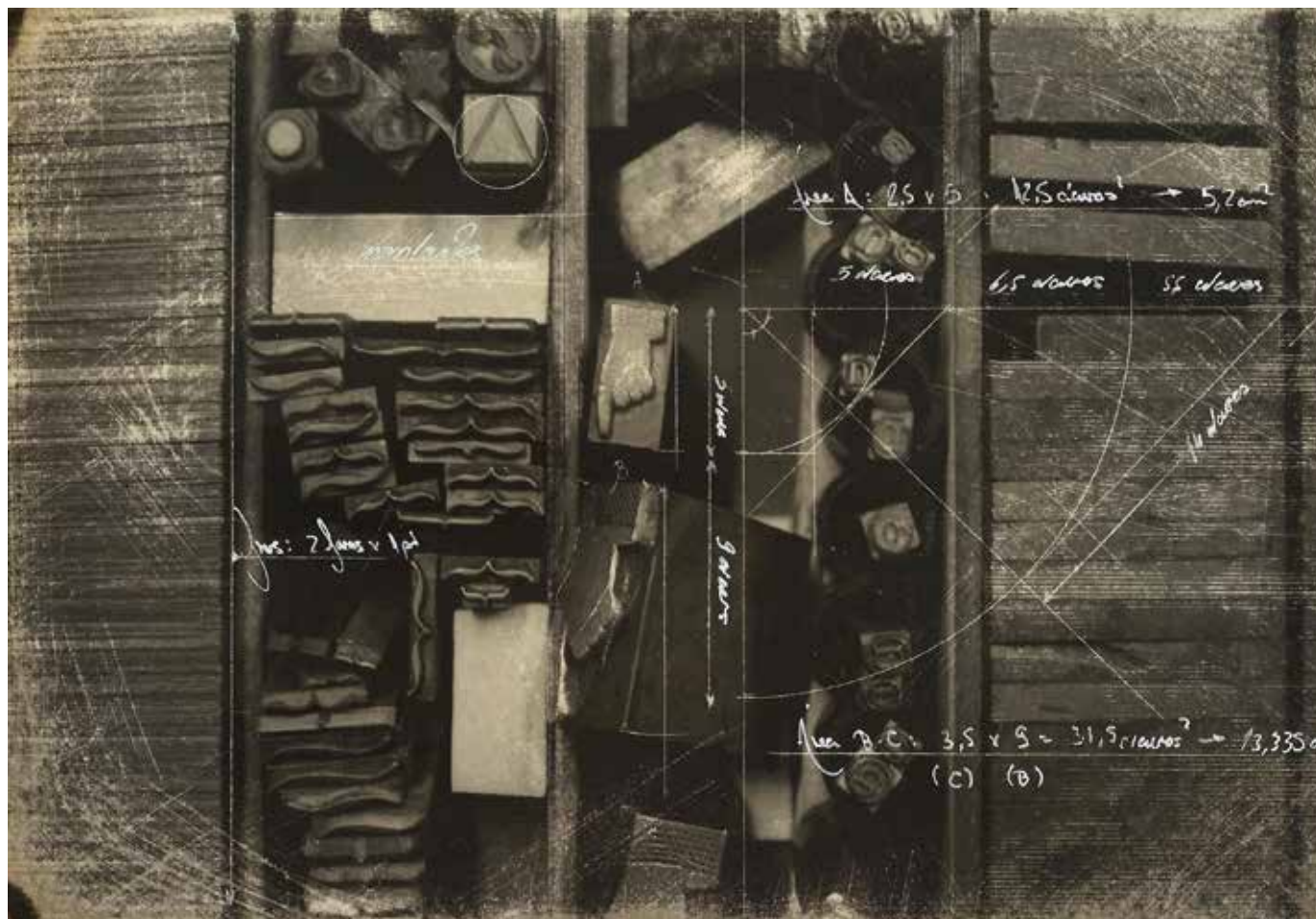


**DOBRA  
GUAICURUS**



Gilberto usa óculos, é alto e um pouco gordo. Seus olhos, cada um de um tamanho, fazem com que seu rosto tenha quase duas feições, de um lado ele sempre sorri e do outro está sempre sério. Seu nariz, belo e alongado, desce o olhar para sua barriga definida, ressaltando suas pequenas mãos, paradas ao lado de um corpo grande e musculoso, são percebidas pequenas e quase frágeis. Um detalhe que o incomoda, pois não consegue usar relógios masculinos.





Fábio de Oliveira Martins  
 Ponta-seca e caneta esferográfica sobre impressão fine-art  
 2013





Luis Matuto  
 Da série *E por que havia de ser algo*  
 Gravura em metal  
 15cm x 20 cm





Rafael Casamenor  
Um futuro exumado? O que o fará?  
2012  
Gravação sobre placa de circuito impresso,  
placa de latão e fragmento de compacto  
05cm x 07 cm

25  
a N  
O S

CENTRO CULTURAL UFMG



AV. SANTOS DUMONT, 174, CENTRO.  
BELO HORIZONTE - MG. CEP: 30111-040.  
[www.centrocultural.ufmg.br](http://www.centrocultural.ufmg.br)